

L. 11206<sup>11</sup>

# terra de ninguém

Redondilhas da Grande Guerra



Segunda edição

1929

Livraria Central, Editora - Lisboa



# Terra de Ninguem



*Desta edição, fez-se uma tiragem especial de 60 exemplares, em papel «kent», todos numerados e rubricados pelo autor.*



## Do mesmo Auctor:

- Primeiros rebentos* (1914).  
*Rosas de todo o anno*, musica de Raul de Campos  
(1914). — 2.<sup>a</sup> Edição.  
*Beijos*, musica de C. Magliano (1916). — 3.<sup>a</sup> Edição.  
— Exgotado.  
*Desgarcadas* (1916). — Exgotado.  
*Pão do exílio* (1927).  
*Das quatro estações*, musica de C. Magliano (1927).  
*Suavidade* (1928).

## EM PUBLICAÇÃO:

- Poema d'um lavrador*, Sonetinhos.  
*Refago postal*, Cartas às mulheres.  
*Lascivia*, Poemas da sensibilidade.  
*Sóror Aitor!*, Theatralisação das cartas de Sóror  
Mariana Alcoforado.  
*Colcha de Retalhos*, Notas à margem da Vida e do  
Amor.  
*No colete encarnado*, Toiros, Mulheres e Fado.

: : TERRA : :  
DE  
: : NINGUEM : :

REDONDILHAS DA  
GRANDE GUERRA

POR

: : SALEMA VAZ : :

(2.ª EDIÇÃO)



LIVRARIA CENTRAL — EDITORA  
LISBOA



R. 102104





*As mães e noivas por-  
tuguezas, que souberam  
amar a sua terra no sa-  
crifício dos entes queridos.*





Redondilhas que a Saudade  
Com sua pena escreveu.  
O coração é o tinteiro,  
Fresca tinta o sangue meu!



Os olhos das portuguezas  
São fontes sempre a correr,  
Onde a Patria se debruça,  
Cheia de sêde, a beber!

Das penas que andei penando  
Fiz umas azas; e um dia  
Bati as azas cantando,  
Dei largas à phantazia.



Aza e Sonho! Dois irmãos  
Nascidos da mesma mãe:  
A Aza é filha da Ancia,  
Que é mãe de Sonho também!

# ANTE-LIBRO





## Hora de Redempção

### I

*Aos meus irmãos d'armas.*

*Morro contigo, ó Patria bem-amada,  
Disse Camões, vidente, n'agonia,  
E a Patria ouviu-lhe a voz que mal se ouvia,  
Tremeu de medo e ergueu-se libertada!*

E cada portuguez era uma espada  
Luzindo ao sol da Gloria, que rompia!  
Em cada peito um coração batia:  
Cota de malha nunca violada!

TERRA DE NINGUEM

Resurja em nós o sangue que remiu  
Da Morte, outr'ora a Terra Portugueza!...  
Senhora Mãe, bateram, não ouviu?...

E fui abrir a porta. E desde então  
Bailam as naus no Tejo de turqueza;  
Que Deus lhes dê bom vento, de feição!

D'aquelles em que Amor maior euidado  
Não poz, do que na sua Patria, eu sou;  
E tanto que p'ra tal Deus me creou,  
Que fez de mim Poeta e após... Soldado.

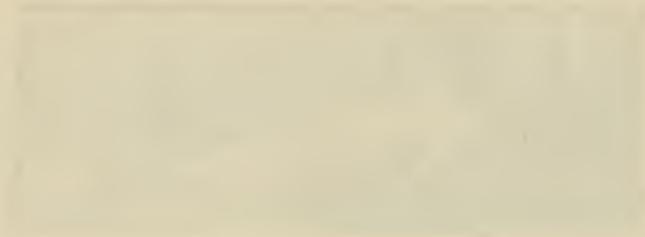
De Nun'Alvares a hora ha já soado  
N'este presente triste, que afundou  
Toda uma Raça forte, que legou  
A' post'ridade a joia do Passado!...

TERRA DE NINGUEM

Eu canto esta formosa Terra-amada,  
E choro a negra sorte que ella teve!  
O' Santo Condestabre: Alma sadia

Em corpo são! Que a vossa rija espada  
A quem a lusa gente tanto deve,  
Comnosco seja á hora d'agonia!





TERRA DE NINGUEM





## A uma Madrinha de Guerra

Hei-de ir p'ra guerra; é meu fado!  
Sou um poeta-soldado,  
Hei-de morrer a cantar!  
As cordas da minha lyra  
(Que p'lo passado suspira)  
Não, não se hão-de enferrujar.

TERRA DE NINGUEM

Hei-de cantar as saudades  
De tão formosas edades  
Que o tempo veio roubar;  
Hei-de cantal-a a Você  
Madrinha, que por mercê  
Da sorte, pude arranjar.

Cantarei a Patria qu'rida,  
Entre céu e mar metida:  
A minha Patria sem par!  
Saberei olhar nas fontes,  
Nos olivedos, nos montes,  
Nos rios que vão p'r'o mar;

A UMA MADRINHA DE GUERRA

Um pedaço da minha Alma  
Que segue na lucta, calma,  
Pro-Patria do meu pensar!  
Porque cantar meu torrão  
E' dizer ao coração:  
«Canta!»... E elle pôr-se a cantar!

Cantar o céu anilado  
D'este berço bem-amado,  
E' cantar o vosso olhar!  
Cantar as noras queixosas,  
Tão tristes e tão bondosas,  
E' vossas penas lembrar!

TERRA DE NINGUEM

Cantar os rios que em fio  
Correm, é ver cada rio  
Vossas veias imitar!  
Cantar o mar quando canta,  
E' ouvir sua voz: encanta  
E embala, mais que a do mar!

Cantar as fartas searas,  
E' cantar as tranças raras  
Com que o vento usa brincar!  
Cantar as aguas das fontes,  
E' devorar horizontes  
E vir comsigo chorar!

Que importa que eu vá p'ra guerra?  
No coração, minha terra  
Hei-de a França transportar.  
Sentindo-o a bater no peito  
Eu julgo ouvir, satisfeito,  
Portugal por mim chamar!...

Leval-a no coração  
E' ver erguer sua mão  
Lá de longe a abençoar  
(Qual raminho d'oliveira  
Que ensombrando a paz da leira  
Faz a terra refresezar).

TERRA DE NINGUEM

Este poeta-soldado  
Que p'ra cumprir o seu fado  
Ha-de morrer a cantar  
Saudades d'uma ventura,  
Que na vida apenas dura  
O que a espuma usa durar!





Ai!... Quem me dêra ser carta!...

Minha Mãe:

Se lhe dissesse  
O que o meu coração sente  
Por estar de vós auzente,  
Nem todo o papel que houvesse  
Chegaria certamente!

TERRA DE NINGUEM

A minha *pena* é tamanha  
Que a mão não pode eom ella!  
Cahe-me ao chão e p'ra sustel-a  
Fiz da vontade uma aranha:  
Urde a teia e prende-a... E' vel-a!

Como podia eu julgar  
Que voltasse tão asinha  
(Como a gota volta ao mar!)  
A' França, d'onde a chorar,  
Vim um dia em condecinha?!

AI!... QUEM ME DÊRA SER CARTA!...

Nem tu nem eu, minha Mãe,  
Futuravamos tal cousa!  
Toda a agua que o mar tem  
Sahe de lá; certo é, porém,  
Que nem toda lá repousa!

Quantas lagrimas choradas!...  
Quantas lagrimas bebidas  
Por sêdes não mitigadas  
D'horas saudosas passadas,  
Que hoje são fontes doridas?!...

TERRA DE NINGUEM

Eu vivia á tua beira  
Tão alheio á minha sorte  
Qual pinto na capoeira  
Que sob a aza hospitaleira  
Nem sonha sequer, co'a morte?!...

E a minha infancia passava  
Acalentada p'lo amor  
Que o teu coração me dava;  
Com mais constancia, pasmava,  
Do que um forno dá calor!...

AI!... QUEM ME DÉRA SER CARTA!...

Então o tempo corria  
A' desfilada!... Era vel-o!  
Chegava a noite e eu dizia:  
«Como foi curto este dia!  
Já lá vem o setestrello!»

Hoje tudo é diferente!  
O tempo já fatigado  
De correr constantemente,  
Pára, á sombra do Presente,  
A recordar o Passado!

TERRA DE NINGUEM

Nestas vigílias certas,  
Feitas d'Odio e d'Anciedade,  
Pelas campinas desertas  
As sentinelas espertas  
Rondam horas de Saudade!

E vae d'ahi, numa noite,  
Fui dar commigo a pensar:  
«Coração que o Bem acoite  
E que na guerra se afoite  
Que força o faz afoitar?!...»

AI!... QUEM ME DÊRA SER CARTA! ..

Que poder, que mão estranha  
Me transformou numa fera  
Sanguinolenta, se eu era  
Antes de guerra tamanha,  
Ave mansa, que Amôr gera?!...

Se algum Bem meu coração  
Gerou dentro em si, esse Bem  
Foi-me roubado!... E por quem?...  
Não descubres o ladrão?  
Foi o Dever, Minha Mãe!

TERRA DE NINGUEM

Foi elle que em certo dia  
Me levou p'la barra fóra  
Na ancia (que me apavora)  
De fera que se sacia  
Em matar, mas não devora!!

Por elle se mata e morre  
Numa alegria feroz!...  
Cada soldado é um algoz  
Da morte, que ronda e corre  
Dia e noite atraz de nós!

AI!... QUEM ME DÉRA SER CARTA!...

Desde o instante da partida  
Lá das terrinhas do Norte  
Eu conheci minha sorte:  
Matar, fazendo p'la vida!  
Viver, fazendo p'la morte!!

Deus o quiz e seja feita  
Sua divina vontade!  
Quem me déra nessa idade  
Em que esta oração perfeita  
Me ensinou tua bondade!...

TERRA DE NINGUEM

No teu colo aconchegado,  
A' hora de me deitar,  
As mãos erguidas ao ar,  
Eu rezava acompanhado  
Por tua voz de embalar.

Com tal jeito e devoção  
Tu me falavas, que eu ia  
Só no meio e já dormia  
Junto ao meigo coração,  
Que no teu peito batia!!

AI!... QUEM ME DERA SER CARTAÍ...

Tudo perdi! Que o Destino  
Da Patria, vai muito alem  
Do nosso. E tu, minha Mãe,  
Se me creaste em menino  
Foi p'ra ser homem tambem.

Por minha sorte não temas;  
Vive em paz dóce velhinha,  
Que eu hei-de voltar azinha:  
Quando arrancar as algemas  
Dos pulsos da Patria minha.

TERRA DE NINGUEM

Voltarei p'ra ao-pé de ti  
Quando esta guerra acabar...  
Ai! quem me déra abalar  
Com a carta que escrevi,  
Para te vêr e abraçar!...

Que ditosas são as cartas!  
Vão onde quer a Saudade  
E voltam com brevidade,  
De noticias cheias, fartas,  
A mitigar a Anciedade!

AI!... QUEM ME DÉRA SER CARTA!...

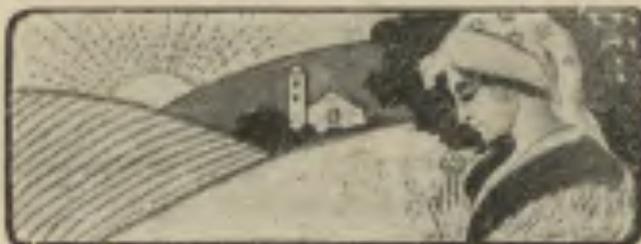
São a maior alegria  
Do soldado, nas trincheiras!  
São pombas brancas, ligeiras,  
Que mandamos e Deus guia  
Durante leguas inteiras!

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

TERRA DE NINGUEM

E' necessario que parta  
Este papel... São curtinhas  
As horas!... Saudades minhas...  
Ai! quem me dera ser carta  
E partir com estas linhas!





## Carta a Maria

Das trincheiras.

Minha amada

Pela Graça do Senhor

E também do nosso amor,

Que, como a árvore podada,

Tem mais força e mais vigor!:

TERRA DE NINGUÉM

Eu nem sei como te diga  
A Saudade que me fazes;  
*Mai-a* inveja dos rapazes  
Que ao-pé de ti, minha Amiga,  
Vivem na maior das pazes.

Doentes, elles?... Serão...  
Mas p'ra que quero a saúde  
Se eu vivo neste talude  
Qual um morto no caixão:  
Sem a Esperança, que illude?

CARTA A MARIA

De que me serve ser forte,  
Se esta Saudade se espalha  
E fere mais que a metralha  
Que, como a foice da Morte,  
Ceifa o campo de batalha?...

A mim não me importa o p'rigo  
Que a elle já estou afeito!  
Ha porém dentro do peito  
Mais poderoso inimigo  
Ao qual eu ando sujeito.

TERRA DE NINGUEM

Se não fosses tu, Maria,  
Que me importava esta guerra?  
Que ella fôsse na Inglaterra,  
Ou na França, eu antes qu'ria  
Do que fôsse em nossa terra!

Deixal-o; cumpra-se o fado.  
Cá estou e cá morrerei  
Se fôr essa a minha lei;  
Pois como todo o soldado  
A' sorte me abandonei.

CARTA A MARIA.

Não penso mais do que em ti  
E em cumprir o meu dever.  
Todo aquel' que assim fizer  
(Foi o que nos livros li)  
Vae p'ra o ceu quando morrer.

Já lá vão dezoito meses  
Que eu parti p'ra a romaria  
Da Senhora da Agonia,  
Cá da terra dos francezes  
E tambem de quem nella ia!...

TERRA DE NINGUEM

E desde então no meu peito,  
A Ermidinha das Saudades,  
Meu coração dá Trindades  
Com mais devoção e geito  
Do que os sinos das cidades!

Da Patria fiz um altar  
Onde eu (como o nosso abade)  
Sou aquelle que um dia ha-de  
Dar ao Mundo a commungar  
A hostia da Liberdade!...

CARTA A MARIA

Não me arrependo de ter  
Vindo aqui; pois certamente  
Que o soldado vae na frente,  
Qual a candeia que a arder  
Alumia duplamente.

O que me custa e me peza  
E' não ter-te á minha beira  
Como tenho esta bandeira,  
Para quem a gente reza  
Uma oração derradeira!...

TERRA DE NINGUEM

Ter-te aqui a par comigo  
A recordar nossa terra,  
Donde a gente se desterra  
A combater o inimigo  
De todo o bem que ella encerra!

A recordar quando outr'óra  
Nos ranchos dos arraiaes,  
Caminho dos olivæes  
Por aquella estrada fora,  
Cantavas melhor que as mais!

CARTA A MARIA

Em noites de lua-cheia  
Que alegres descamisadas!...  
E nas ceifas e malhadas?!...  
Oh! Não falemos da aldeia...  
E das venturas passadas!

Alguem me disse e eu creio  
Que recordar é viver  
Novamente! Pode ser;  
Mas quem para a guerra veio  
Não se lhe dava morrer...

TERRA DE NINGUEM

Morrer? Que importa? E' um bem  
Até!... P'ra que serve a vida  
Se na conta de perdida  
Já cada soldado a tem  
Desde o dia da partida?

A morte não é surpresa!  
Vivendo nós enterrados  
Bem podemos ser tomados  
(Se escaparmos da proeza)  
Por mortos ressuscitados!...

CARTA A MARIA

Quem sabe até se ao chegar...  
Chegar?!... Partir já eu sei  
Que parti, donde deixei  
Os teus olhos côr do mar!  
Mas da volta, o que direi?!...

Estás a chorar, Maria?  
Limpa os teus olhos, creança,  
Ao lenço verde da Esp'rança,  
Que com prantos, hoje em dia,  
Já nada, nada se alcança!...

TERRA DE NINGUEM

Saber esp'rar é virtude.  
Soffro sim; e isso que tem?  
Tu não soffrerás tambem?  
Sinto até que dão saúde  
Estas saudades d'alguem!...

Pelo menos dão alento,  
Dão coragem; isso é que dão!...  
Por ser teu meu coração  
Defendo-o a todo o momento  
Como é minha obrigação

CARTA A MARIA

Nelle estás porque elle encerra  
A minha Patria adorada,  
Onde vive a minha amada,  
Onde existe a minha terra,  
*Mail-a* família deixada!

O coração é a bandeira  
Que cada um tem no seu peito;  
O retrato mais perfeito  
Desta Patria tão cimeira  
Que governou mundo a cito!

TERRA DE NINGUEM

E a bandeira é o retrato  
De todos os corações,  
Que rezam as orações  
Pela Paz, porque me bato  
Nestas longinhas nações!

Portugal, tão pequenino  
E tanto poder que teve!  
Lê a gente e pasmar deve  
Como elle sendo menino  
Tinha a mãozinha tão leve!...

CARTA A MARIA

Hoje, coitado, é um velho  
Alquebrado e sem destreza,  
Que dum tempo de grandeza,  
Na Saudade, qual n'um 'spelho,  
Remira a ida Belleza!...

Velho ou menino, que tem?  
Elle é sempre Portugal  
Que foi meu berço; e coval  
Não sei se será tambem...  
Deus m'ó dê!... Meu Ideal!

TERRA DE NINGUEM

Não pares a dobadoira  
Nem deixes de ir ao tear,  
Que no dia em que eu voltar,  
Minha môça casadoira,  
Havemos de nos casar.

Eu tenho fé; e acredito  
Que ainda havemos de ser  
Um dia, se Deus quizer,  
Um parzinho bem bonito  
Que invejas ha-de fazer!

CARTA A MARIA

'Tu, mais linda do que a Lua!  
E da côr do firmamento,  
Vestido o meu fardamento,  
De braço dado na rua,  
No dia do casamento,

Cheio o peito de medalhas  
Como estrelinhas do céu,  
Hão-de julgar que desceu  
A' terra o Deus das batalhas  
E vae casar!... Mas sou eu!

TERRA DE NINGUEM

Enlevado nesta idéa  
Já quasi que me esquecia  
De dar-te a nova, Maria,  
Que ha-de espantar toda a aldeia  
E a ti causar alegria:

As Cruzes, aqui, não são  
(Como essas da nossa terra)  
Signaes de Paz: mas de Guerra!  
Nem só aos mortos as dão,  
Que ás vezes nem um se enterra!

CARTA A MARIA

Dão-n'as aos vivos! Um dia  
Pregaram-me uma no peito;  
«Por ser soldado perfeito»  
O commandante dizia...  
E agora tomei-lhe o geito!

Estou tão habituado  
A ser um morto com vida,  
Que esta Cruz acho mer'cida;  
E já fui condecorado  
Com outra mui parecida!

TERRA DE NINGUEM

Se mais tempo cá andar  
E' meu peito um Campo-santo:  
Uma Cruz a cada canto  
Dizendo a alguém que passar:  
«Aqui jaz o Heroe e o Santo»!

Cá n'este paiz da guerra  
(Que do nosso é bem dif'rente!)  
E' lei matar tanta gente  
Que se ensope toda a terra  
Do sangue vermelho e quente!

CARTA A MARIA

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

Como a carta vae comprida  
E tu já debes 'star farta  
Das coisas que nesta carta  
Te conto, da nossa vida,  
Vou fechal-a e vou mandar-t'a.

TERRA DE NINGUEM

E p'ra findar só te digo  
Que dê's a todos, por mim,  
De saudades um jardim;  
Que as minhas para contigo  
Só á vista terão fim!

Belem, 1917.



# INDICE



## Índice

Hora de Redempção . . . . .	13
A uma Madrinha de Guerra. . . . .	19
Ai !... Quem me dera ser carta!... . . . . .	25
Carta a Maria . . . . .	39

: COMPOSTO E IMPRESSO NA :  
TIPOGRAFIA «MINERVA» DE  
GASPAR P. DE SOUSA & IRMÃO  
AVENIDA B. DE TROVISQUEIRA  
: VILA NOVA DE FAMALICÃO :  
: : : : PORTUGAL : : : :



